

# Alunos brigam por vagas no Ave Branca

DAVI ZÓCOLI

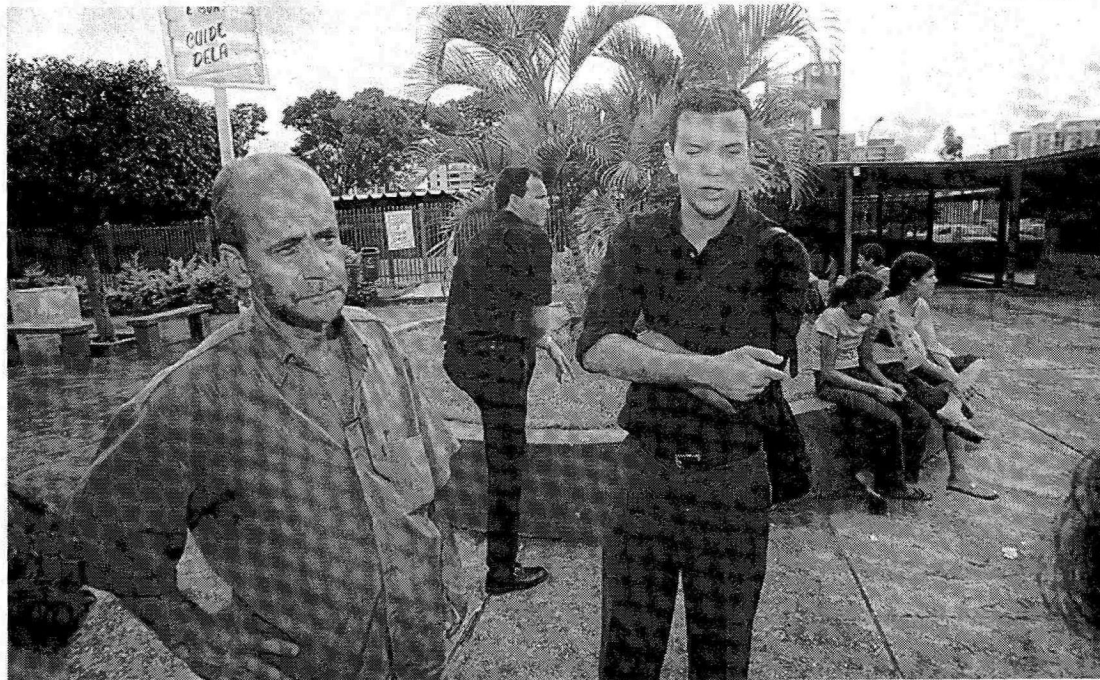
A disputa por matrículas na rede pública de ensino do DF rendeu, ontem, mais um tumulto. O lugar foi o Centro de Ensino Médio Ave Branca (Cemab), em Taguatinga, onde aulas foram suspensas na manhã. Professores protestavam contra criação de 400 vagas no turno diurno, enquanto estudantes exigiam a manutenção de suas inscrições.

Para acalmar os ânimos, foi feita reunião entre a diretora de Planejamento e Controle da Secretaria de Educação, Mara Gomes; o diretor do Cemab, Marucio Câmara; representantes do Sindicato dos Professores; e da União Metropolitana dos Estudantes do Ensino Médio (Umesb). Ficou definido que as aulas do dia seguiriam e que uma comissão da secretaria analisaria a situação. À tarde, Marucio pediu demissão à Regional de Ensino de Taguatinga, depois de quatro anos no cargo.

Segundo a secretária de Educação, Maristela Neves, nenhum aluno será prejudicado, e todos estão garantidos na rede. "Os transferidos para o Cemab voltarão à instituição de origem. Os que só estão matriculados lá, ficarão ou irão para o Caseb (Asa Sul), com direito a transporte gratuito". A definição dependerá do relatório da comissão.

A secretária abriu sindicância para investigar por que as vagas não foram incluídas no Telematrícula. "Temos que resolver o problema, que beneficiou alunos em detrimento dos que passaram pelas etapas do processo de matrícula e de transferência."

Apesar da confusão, Marucio diz que não feriu o processo de matrícula. "Não criei vagas. Coloquei alunos nas lacunas dos que desistiram ou foram transferidos". Além de deixar os alunos estudar perto de casa, ele diz ter impedido



Até pais dos estudantes e professores entraram na confusão: culpa da criação de 400 vagas

que a escola ficasse ociosa. "A secretaria queria fechar nove turmas, com 45 alunos cada." Ele mostrou documentos da Regional que dizem ter 859

vagas sobrando no diurno e noturno. "Prefiro sair exonerado a ver alunos sem aula."

O protesto foi motivado por alunos que procuraram a

Umesb. De acordo com sua presidente, Silmara Leandro, eles temiam ficar sem lugar para estudar, mesmo após comprar uniforme e material.